

**“O LADO DE CIMA DA CABEÇA”:  
IDENTIDADE NEGRA E CINEMA NA SALA DE AULA**

AMANAYARA RAQUEL DE SOUSA FERREIRA  
UFCG/CFP  
amanayarasousa\_@hotmail.com

ORIENTADORA: PROFA. DRA. ANA RITA UHLE  
UFCG/CFP  
E-mail: anauhle@gmail.com

**RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo problematizar a questão da identidade negra no espaço escolar, tendo em vista o contexto contemporâneo em que se tem uma legislação, a Lei 10.639/03, que teoricamente assegura o tratamento nas escolas de educação básica dos temas relacionados às questões sobre a História e Cultura africana e afro-brasileira. Nessa perspectiva, também pretendemos realizar uma análise crítica do vídeo-documentário “O lado de cima da cabeça” de Naira Évine Soares (2014) e discutir a partir do mesmo a inserção do cinema em sala de aula e a abordagem desse tipo de tema (a identidade negra) com esse recurso. Para tanto, dispomos da análise de fontes bibliográficas e da fonte audiovisual que é o referido documentário. Apoiamo-nos nas discussões de Kabengele Munanga (2005) e Marcos Napolitano (2013).

**Palavras-chave:** Identidade negra; Educação; Cinema.

**INTRODUÇÃO**

O presente trabalho foi inspirado nas discussões desenvolvidas na disciplina “Fundamentos e Questões em Educação” ministrada pela professora Ana Rita Uhle no Curso de Licenciatura em História do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande. Durante o curso da referida disciplina um dos temas discutidos foi o ensino de história e cultura afro-brasileiras o qual foi escolhido por alguns discentes para a produção de uma proposta de plano de aula ou de oficina, tendo como foco a aplicação em turmas de educação básica, além do plano também foram produzidos ensaios que poderiam ter a mesma temática. Considerando essa trajetória, nosso artigo parte das reflexões iniciais desenvolvidas no ensaio intitulado “Olha o cabelo dela/dele: identidade negra, preconceito e recurso audiovisual em sala de aula” por mim produzido na mencionada disciplina.

Assim, metodologicamente o trabalho dispõe primeiramente de análises bibliográficas no sentido de perceber através de determinadas produções acadêmicas sobre a identidade negra, a escola e a lei 10.639/03 como estas trazem esses temas e como os relacionam, tendo em vista os conceitos utilizados e a possibilidade de diálogo com as nossas ideias, entre esses textos estão principalmente “Educação e identidade negra” de Nilma Lino Gomes (2012) e “Superando o racismo na escola” de Kabengele Munanga (2005).

Em um segundo momento, realizamos uma análise crítica interpretativa do documentário “O lado de cima da cabeça” (2014) considerando seus elementos técnicos como cinema, seu lugar de produção e seus aspectos temáticos e discursivos. E a partir das questões colocadas por Marcos Napolitano (2013) tentamos refletir e dar sugestões quanto à utilização do cinema como estratégia para o ensino dos temas referentes à história e cultura afro-brasileira em sala de aula através do documentário analisado.

Em síntese, as discussões que aqui propomos giram em torno de três pontos principais: as relações entre identidade negra e o espaço escolar, tendo em vista a realidade existente a partir da lei 10.639/03; a análise do documentário “O lado de cima da cabeça”, percebendo como os aspectos da identidade negra são apresentados e discutidos na produção; e o desenvolvimento da sugestão do trabalho em sala de aula com o já mencionado documentário.

## **PROBLEMATIZANDO A IDENTIDADE NEGRA NO ESPAÇO ESCOLAR À LUZ DO CONTEXTO DA LEI 10.639/03**

Entendemos que a formação da identidade negra, como também outros tipos de identidade, não se dão apenas no universo da educação instituída no espaço escolar, entretanto, pretendemos pensar aqui sobre as relações entre essa identidade especificamente no meio escolar, considerando as implicações que se constituem neste próprio espaço quanto à identidade negra, bem como o significado da existência da lei 10.639/03 a qual assegura a obrigatoriedade do ensino dos temas de História e Cultura Africana e Afro-brasileira em todos os níveis da educação básica no Brasil.

Nessa perspectiva, devemos considerar a escola como um espaço que pode com diversas posturas exercer influências sobre a identidade negra de acordo com as

questões ideológicas educacionais adotadas e também com as questões sociais e culturais embrem a própria escola e os constituintes da mesma. Sobre este assunto dialogamos com Nilma Lino Gomes (2012) no sentido de que:

A escola pode ser considerada (...) como um dos espaços que interferem na construção da identidade negra. O olhar lançado sobre o negro e sua cultura, no interior da escola, tanto pode valorizar identidades e diferenças quanto pode estigmatizá-las, discriminá-las, segregá-las e até mesmo negá-las (GOMES, N.L., 2012, p. 03).

Dessa forma, tendo consciência do eurocentrismo arraigado na nossa cultura educacional, do racismo e de estereótipos alimentados pela nossa sociedade, podemos considerar que o espaço escolar em seus múltiplos elementos muito mais promove a estigmatização e a discriminação do negro e de sua identidade, do que os valoriza.

Alguns desses elementos que se inserem na escola e que demonstram de forma gritante essa estigmatização são os livros didáticos e a própria literatura infantil (como as “cantigas de niná”, por exemplo), os quais Ana Célia da Silva discute em seu texto “A desconstrução da discriminação no livro didático” presente no livro “Superando o racismo na Escola” (2005) organizado por Kabengele Munanga, que aliás é uma produção toda voltada para os debates mais incisivos sobre esses temas e para sugestões teóricas e práticas de como o docente principalmente, pode agir de forma diferente frente ao racismo e a discriminação no ensino e na escola como um todo. A autora mostra em seu texto como a discriminação está presente nesses materiais veiculados nas escolas, estereótipos como o de incompetência, feio, sujo e mau atribuídos ao negro são criticados e discutidos, assim como sugere alternativas para a ação de romper com essa realidade.

Essas questões não estão restritas apenas aos materiais didáticos utilizados nas escolas, mas também nas relações estabelecidas entre os membros que compõem esse espaço e as formas de tratamento existentes da história, da cultura e do negro em si, que por sua vez estão relacionadas essencialmente à ausência de discussão desses temas na escola, o negro aparecendo na História do Brasil e em outras matérias apenas como escravo, tendo suas contribuições para os aspectos históricos e culturais brasileiros relegadas.

Contudo, é importante ressaltar que houve e há uma ativa e incisiva luta negra contra os preconceitos de um modo geral sofridos por seu grupo social, como também no âmbito da educação. Já no período colonial brasileiro existiram formas de resistência

negra que atuaram e atuam desde as esferas políticas e sociais até mesmo as culturais e simbólicas, a exemplos contemporâneos dessa resistência temos a organização de comunidades quilombolas remanescentes e a valorização e afirmação da identidade negra.

Em parte, como resultado dessa luta podemos considerar a tramitação e a aprovação da lei 10.639/03 que como já mencionado, obriga o ensino das temáticas referentes à História e Cultura Africanas e Afro-brasileiras em escolas públicas e privadas. De acordo com Gisele Karin de Moraes (2009), o chamado Movimento Negro Unificado, que se firmou na década de 1970, desde essa época realizando importantes ações quanto à luta contra o racismo e a favor de direitos iguais para os negros, interviu significativamente para reunir, debater e levar propostas ao Senado Federal por meio de seus representantes para conseguir incluir de alguma forma esses temas nas escolas, considerando essa ação como um primeiro e imprescindível passo para uma educação resistente ao racismo.

Não há como negar o sentido e a importância da sanção da referida lei, tendo em vista que significa não é só a efetivação de objetivos de luta de movimentos sociais negros, mas também interferências estatais na educação em favor de no mínimo na oficialidade se pretender uma educação contra os preconceitos e o racismo. Porém, sabemos que apenas a obrigatoriedade desse ensino não o faz se realizar verdadeiramente na prática, as realidades escolares são específicas e além do currículo oficial há um currículo oculto que se traduz no que ocorre cotidianamente na escola, na sala de aula. Dessa forma, é necessário que observemos e reflitamos sobre a real possibilidade dessas temáticas serem colocadas em prática no ensino e se os professores, talvez nesse momento sendo os atores principais, são formados, se interessam e tem subsídio para fazer acontecer essa prática.

Diante das questões apresentadas, partindo dessas discussões das relações entre identidade negra e o espaço escolar no contexto contemporâneo, a seguir iremos analisar uma produção audiovisual (“O lado de cima da cabeça”) que trata da temática da identidade negra e logo depois discutiremos a partir do documentário as possibilidades e estratégias que o cinema pode proporcionar para o tratamento desse tipo de debate na sala de aula.

## **UMA ANÁLISE INTERPRETATIVA SOBRE “O LADO DE CIMA DA CABEÇA”**

A produção audiovisual da qual trataremos, o documentário “O lado de cima da cabeça”, dirigido e roteirizado pela baiana Naira Évine Pereira Soares (graduada em Rádio, TV e Vídeo pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), pós-graduada em Cinema e Linguagem Audiovisual pela Universidade Estácio de Sá e atualmente é comunicóloga<sup>191</sup>), dispõe de 14 minutos de duração e se encontra publicado desde 2014 na página YouTube, canal da própria diretora (link de acesso: <<https://www.youtube.com/user/naievine1>>), estando com mais de 30 mil visualizações atualmente.

De acordo com uma entrevista cedida à “RUA” (Revista Universitária do Audiovisual)<sup>192</sup> por Chris Ribeiro, graduanda da Ufscar, e com um texto elaborado pela própria Naira Soares disponível em um blog chamado “Blogueiras Negras”, “O lado de cima da cabeça” foi produzido de forma experimental por um grupo de universitário como um elemento integrante da disciplina “Oficina de Vídeo Educativo” do curso de Comunicação Social com habilitação em Rádio e TV da universidade já mencionada, mas também foi um desejo até mesmo pessoal da diretora quando nos conta que fazer uma produção do tipo era um sonho de muito tempo e que o tema (a identidade negra) e os atores (em sua maioria negros e negras) são partes de suas próprias experiências.



**FIGURA I:** Entrevistada X. Fonte: ÉVINE, Naiara. **O LADO DE CIMA DA CABEÇA** (Direção: Naira Évine Soares, 2014). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1RFvuA0cu60>>. Acessado em: 24/03/2017.

<sup>191</sup> Essas informações podem ser conferidas na página da rede social (Facebook) da própria Naira Soares Disponível em: < <https://www.facebook.com/naira.evine> >. Acessado em: 24/03/2017.

<sup>192</sup> Ver site: < <http://www.rua.ufscar.br/o-lado-de-cima-da-cabeça-naira-soares-2014/> >

A produção “O lado de cima da cabeça” contou com cerca de 23 entrevistados, apesar de não aparecerem as falas de todos. A grande maioria dos depoimentos são de mulheres e homens negros (as) jovens adultos com diversos tipos de cabelos, como naturais, dreads, trançados, aparecendo também algumas pessoas que não apresentam cabelo crespo ou cacheado, mas que possuem um cabelo diferente do aceito como “normal” socialmente, seja pela cor ou pelo estilo. É importante ressaltar que o interesse pela temática da aceitação/negação e da identidade negra associada à estética capilar, bem como os preconceitos estabelecidos socialmente quanto a esse tipo de cabelos foi inspirada em experiências vivenciadas por integrantes do próprio grupo universitário produtor do vídeo, tendo em vista que como a maiorias dos entrevistados (as) a diretora Naira Soares também é negra, tem cabelo crespo e usa-o natural.

A trilha sonora da produção também indica o que se interessa em representar nas mensagens transmitidas, sendo a música “Rio de Fios” (de Ize Duque Magno e Jonnie Walquer) o áudio de fundo do vídeo composto especificamente para o documentário, na qual percebemos a exaltação em sua letra da diversidade de estéticas capilares.

A lógica de organização das falas dos entrevistados (as) obedecem à uma dinâmica de complementação de temáticas e/ou questões, isso quer dizer que ocorre um jogo de alternância entre os depoimentos, alguns iniciando determinado assunto e depois voltando para complementar outro, esse tipo de organização do enredo do vídeo acaba nos causando um envolvimento com a dinamização dos diferentes relatos.

Analisando as falas expressadas pelos entrevistados (as) no documentário, percebemos como os preconceitos com o cabelo crespo, que é uma questão totalmente ligada ao racismo, trazem implicações para as vidas daquelas pessoas, que em grande maioria declaram sua relação difícil com os cabelos antes de aceita-los como parte de sua própria identidade e como forma de resistência aos padrões sociais impostos, tais padrões sendo “definidores” forçosos do que é permitido ou não socialmente.

Podemos também compreender nas entrevistas a longa luta dos negros e negras entrevistados (as) para chegarem à aceitação dos símbolos de sua negritude, principalmente o cabelo, muitos tendo trajetórias de conflitos modificando sua estética capilar, seja por meio de alisamentos, raspagem e outros mecanismos. Essas trajetórias são contadas e evidenciadas através dos preconceitos sofridos desde criança, passando pela adolescência nos momentos em que tinham contato com pessoas diferentes e que se deparavam com a sociedade (seja na escola ou em outros lugares) e os cabelos eram alvo de palavras pejorativas, como cabelo “pixaim”, cabelo “duro” e em geral, a

expressão cabelo “ruim”, expressão essa que foi naturalizada e associada socialmente aos cabelos crespos em contraposição aos cabelos lisos que seriam os cabelo “bons”, os cabelos dos brancos.

Muitas das mulheres negras entrevistadas tocam na questão do querer a todo custo seus cabelos alisados, pois seriam dessa forma aceitas e entrariam no padrão social do cabelo “bonito”, pelo fato de não se sentirem bem com os seus cabelos naturais considerando-os naquele momento como “feios” ou não adequados. Porém, o mais contundente é que essas pessoas no momento em que falam já adquiriram a consciência das questões sociais dos padrões impostos e enxergam seus cabelos de forma diferente, como luta de resistência aos preconceitos e como símbolo da identidade negra.

Assim, podemos considerar como tema central do documentário o empoderamento de um grupo de pessoas, principalmente negras, que construíam uma imagem anterior de inferioridade de seus atributos, mas que superaram essa complicação e agora promovem um poder, uma afirmação de sua personalidade, de suas características, de sua identidade.

Em geral, as falas dos entrevistados (as) giram em torno de exteriorizar os preconceitos sofridos e os estereótipos que são reproduzidos na sociedade relacionados ao cabelo crespo e ao negro como um todo, e a partir dessas questões mostrarem suas fases de transição até chegarem à aceitação de suas características e terem outra concepção sobre elas, vendo-as como constituição de identidade e de resistência.

Portanto, “O lado de cima da cabeça” pode ser interpretado como um vídeo educativo e reflexivo, que por meio das falas e de uma contextualização que parte de um lugar específico, o lugar do negro nessa conjuntura, nos faz enxergar por um viés crítico a maneira como o negro e suas características são idealizadas socialmente.

## **O CINEMA COMO ESTRATÉGIA: “O LADO DE CIMA DA CABEÇA” EM SALA DE AULA**

Sabemos que nem todo tipo de cinema ou de produções audiovisuais foram pensadas ou elaboradas diretamente para o uso em sala de aula, o que de forma alguma impede essa utilização (NAPOLITANO, 2013, p.11), esse é o caso de “O lado de cima da cabeça” o qual já apresentamos nossas análises, e de acordo com estas pudemos

perceber o seu caráter e a sua intencionalidade. Nesse momento, pretendemos propor a utilização em sala de aula do mencionado documentário e os direcionamentos para tal.

Mas antes de tudo isso, podemos nos perguntar de forma mais geral por quais motivos a presença do cinema em sala de aula se torna importante e por que o mesmo pode ser considerado uma estratégia para o ensino-aprendizagem e para o desenvolvimento de reflexões e da criticidade no espaço escolar. Diríamos que as possibilidades de respostas a essas inquietações estão entre outras questões: na relação com uma “cultura cotidiana mais ampla” (NAPOLITANO, p.15) que o cinema pode proporcionar à escola e no movimento de ir além desta; na presença de um professor que com a postura de mediador faça o diálogo entre linguagem e o conteúdo escolar com esses mesmos elementos do cinema e partir dessas ações o desenvolvimento de leituras críticas por parte dos discentes (Idem, p.15).

Nessa perspectiva, estabelecendo um diálogo com as reflexões e as dicas propostas acerca da utilização do cinema como recurso didático em sala de aula por Marcos Napolitano em seu livro “Como usar o cinema na sala de aula” (2013), elaboramos uma ficha de orientação para auxílio do uso docente (em anexo) do “O lado de cima da cabeça” e também discutimos a seguir algumas questões que devem ser imprescindivelmente levadas em conta na ação dessa utilização em sala de aula.

Toda produção audiovisual ou cinematográfica requer vários cuidados e procedimentos de análise, principalmente quando essas produções são levadas para a sala de aula. O professor antes de apresentar aos alunos esse tipo de recurso didático deve se ater às diversas questões quanto à produção, analisar qual a faixa de idade dos alunos e a turma que seria adequada para assistir a tal exibição, fazer uma própria análise prévia do produto e evidentemente planejar uma discussão crítica com os alunos dos temas suscitados pelo filme/vídeo, de forma que não se discuta apenas o conteúdo do material, mas que também possa existir uma leitura interna e externa, percebendo os interesses e os lugares de produção, assim refletindo sobre os elementos que o compõe, como personagens, cenário, diretor, produtores, músicas e todos os aspectos técnicos e discursivos que podem ser percebidos (BITTENCOURT, 2004, p.376).

De forma mais geral, “O lado de cima da cabeça” enquanto uma produção necessita ser pensada com os devidos cuidados sobre a utilização didática do mesmo em sala de aula, tendo em vista não só as análises que precisam ser feitas, mas também a consideração da delicadeza dos temas do qual trata, que como vemos se refere ao racismo, aos preconceitos contra o negro, a identidade e ao empoderamento negros. A



principal ressalva é que a discussão acerca do vídeo do professor com os alunos se pautem em uma abordagem crítica dos preconceitos que são expostos com por exemplo, o cabelo crespo, atentando para o cuidado de não acabar reforçando estereótipos, mas sim de tentar percebê-los de outra maneira através de um olhar reflexivo.

O documentário traz de forma descontraída e simples os preconceitos no formato de palavras pejorativas, porém é de suma importância que o professor problematize essas palavras e tente envolver os seus alunos na complexidade destas, enfocando que apesar dos entrevistados mostrarem o empoderamento e de certa forma a recuperação daquelas pessoas quanto àqueles preconceitos, deve-se estar atento para não passar uma mensagem de que estes não existem mais ou de que nada mais interferem na vida do (a) negro (a), muito ao contrário, o ideal é que se mostre o quanto é pertinente o racismo e os preconceitos dessa natureza e em vários formatos e que devemos sempre tomar uma posição de combate contra estes.

Outra questão não menos importante gira em torno do conhecimento que o professor tem que estabelecer quanto às suas turmas e aos seus alunos, sendo atento para as características de tais e a conjuntura em que propõe certas discussões. No caso da temática dos preconceitos contra os símbolos voltados para a identidade negra, é importante que se tenha a consciência se há ou não alunos (as) com essas características, e se existirem, pensar quais as consequências e os impactos que esse assunto pode trazer para estes.

De forma mais específica, o uso de “O lado de cima da cabeça” no Ensino Fundamental II se torna mais interessante a partir do 7º ano no sentido de que geralmente nessa fase do ensino na disciplina de História é estudado o conteúdo de História do Brasil Colonial e, como sabemos, os livros didáticos e a forma como é ministrado esse conteúdo como também outros afins acabam passando a mensagem do negro no contexto da história brasileira apenas como escravo, desconsiderando sua própria história, cultura e questões sociais como africano e também como afro-brasileiro.

Nesse contexto, o documentário traria toda uma discussão sobre as questões que estão enraizadas desde esse período da nossa história e suas consequências, também fazendo ponte para discutir sobre as formas de resistências negras do passado e da contemporaneidade, trata-se de uma oportunidade de diálogo entre passado e presente muito contundente e que talvez chame bastante a atenção dos discentes, principalmente

na presença de alunos (as) negros (as) ao verem sua história colocada de maneira diferente e não negativa.

No Ensino Médio também temos uma fase específica que geralmente a História Colonial brasileira é tratada, que é o 2º ano médio, porém, se trata de uma sugestão o aproveitamento desses temas para fazer essas relações, pois as discussões sobre os temas suscitados se fazem importantes em todas essas fases escolares, ou melhor, em todos os espaços educativos. Mas voltando ao Ensino Médio, tendo em vista a faixa etária dos discentes que estão nessa fase, é imprescindível que o senso crítico seja mais do que nunca aguçado, e para isso é contundente que o professor proporcione aos alunos (as) não só o documentário, mas também o contato com textos e outras fontes que possam analisar e complementar a discussão. Muitas vezes, devido à ausência desse tipo de debate no Ensino Fundamental ou em outros meios educativos, os jovens chegam ao Ensino Médio compartilhando muitos dos estereótipos e preconceitos absorvidos da sociedade, assim sendo mais necessário ainda tornar presente esses temas no ensino.

Destarte, “O lado de cima da cabeça” não está restrito à estas fases, não só apenas a disciplina História em geral, mas considerando a possibilidade e a importância da interdisciplinaridade, outras disciplinas podem adaptar ou mesmo expandir suas discussões com os temas e com a utilização do documentário. É relevante ressaltar que, como já mencionamos nesse texto, com a lei 10.639/03 se torna obrigatório a inserção no ensino da temática História e Cultura afro-brasileiras e enfoca essa inserção nas disciplinas de História, Educação Artística e Literatura. Sabendo da relevância dessa lei e claro, da prática da mesma, o cinema se mostra uma como uma ferramenta que muito pode ajudar a inserir realmente na escola, na sala de aula, essas temáticas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir dos pontos discutidos neste artigo podemos compreender a temática étnico-racial ligada à necessidade de ser tratada efetivamente no espaço escolar em sentido amplo e na sala de aula de forma específica, tendo em vista que como já debatemos, estes lugares exercem influências essenciais para a constituição das identidades, e principalmente da identidade negra de acordo com o que aqui refletimos.

Também percebemos que a sanção da lei 10.639/03 foi um passo relevante para a efetivação da qual falamos, porém, necessitando de uma maior atenção para as condições de seu funcionamento para que realmente se torne uma prática nas escolas e para que a partir desta, possamos elaborar e compreender uma educação e um ensino

que questione e ultrapasse os estereótipos construídos socialmente e que com isso, seja um espaço de discussão da História e da Cultura negra e do rompimento com o racismo e com todas as formas de discriminação racial.

Além dessas propostas de discussões teóricas, também pretendeu-se contribuir de certa forma para a prática desse ensino sugerindo e compreendendo a produção audiovisual como recurso didático para o tratamento desses temas, levando em conta o documentário “O lado de cima da cabeça” e as questões levantadas aqui sobre o mesmo como adaptações para a sala de aula, e com a produção de uma ficha técnica acerca do material para ajudar no planejamento das aulas dos docentes que tencionar utilizá-lo.

Assim concluímos que, antes de tudo, necessita-se de um investimento na formação dos professores quanto a temática da identidade negra e conceitos interligados, no espaço escolar com a tomada de consciência sobre a importância dessa discussão e no cuidado com os materiais utilizados nesse espaço para evitar a propagação de preconceitos e estereótipos, bem como o cinema como uma das estratégias para a inserção dessas questões em sala de aula.

## REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe M. F. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

**BLOGUEIRAS NEGRAS**. Disponível em: <<http://www.blogueirasnegras.org>>. Acessado em: 24/08/2017.

BRASIL. Lei nº 10.639/03 (Obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira) Casa Civil. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm)>. Acessada em: 24/08/2017.

ÉVINE, Naiara. **O LADO DE CIMA DA CABEÇA** (Vídeo). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1RFvuA0cu60>>. Acessado em: 15/03/2017.

GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. In: **Aletria: alteridades em questão**, Belo Horizonte, 2012, s/p.

MORAES, Gisele Karin de. **História da cultura afro-brasileira e africana nas escolas de educação básica: igualdade ou reparação?** Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade de Sorocaba. Sorocaba/ SP, 2009.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na escola**. MEC: Brasília, 2005.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2013.

**RUA:** Revista universitária do audiovisual. Disponível em: < <http://www.rua.ufscar.br/o-lado-de-cima-da-cabeca-naira-soares-2014> >. Acessado em: 28/04/2017.

SILVA, Ana Célia da. A desconstrução da discriminação no livro didático. In: MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na escola**. MEC: Brasília, 2005, 21-38.

## ANEXO I:

### FICHA DE ORIENTAÇÃO PARA TRABALHO COM O DOCUMENTÁRIO<sup>193</sup>

#### O lado de cima da cabeça

Público-alvo: ensino fundamental (7º ao 9º ano) e ensino médio.

Área Principal: história e cultura afro-brasileira/identidade e empoderamento negros/questões sobre racismo.

Cuidados: nenhum.

Roteiro de análise: “O lado de cima da cabeça” é um pequeno documentário produzido pela comunicóloga Naira Évine Pereira Soares, que apresenta depoimentos sobre a relação principalmente de pessoas negras, com suas características identitárias e com o empoderamento. Tal produção audiovisual se torna um elemento muito importante à medida que nos propõe discutir acerca da discriminação racial contemporânea e a resposta à esta, tendo em vista a resistência negra demonstrada pelo seu empoderamento e pela valorização de sua identidade.

- É importante que se faça uma contextualização inicial acerca do racismo na nossa sociedade contemporânea em geral e depois trazer o tema para mais próximo do discente fazendo-o refletir sobre situações racistas e preconceituosas que já deve ter presenciado (em casa, na escola, na rua);

---

<sup>193</sup> O referido modelo de ficha de análise foi inspirado nas fichas elaboradas acerca de diversos filmes pelo autor Marcos Napolitano em seu livro “Como usar o cinema em sala de aula” (2013).

- Identifique se há alunos (as) negros (as) na sala de aula e os insira nas discussões, tendo a sensibilidade perceptiva se se sentem à vontade ou não em falar sobre o tema;
- Discuta com muito cuidado os conceitos chaves que se apresentam no vídeo, como por exemplo identidade negra, empoderamento e as palavras pejorativas utilizadas para fazer referência ao cabelo crespo.